

Como será a megaexposição de Keith Haring que abre em SP e vem ao Rio em setembro • 4

Às vésperas do Anima Mundi, um papo com sua maior atração, o criador do Bob Esponja • 10

# SEGUNDO CADERNO

DOMINGO, 11 DE JULHO DE 2010



Fotos de divulgação/Diana Quintela

Uma visita à mítica companhia teatral portuguesa A Barraca, que prepara sua vinda ao Rio, onde se apresenta esta semana



NO CAMARIM tomado por objetos e referências, o ator Sérgio Moras (acima) se maquia com a foto de Marilyn Monroe, sua musa inspiradora, no espelho

## Levantar acampamento



Mauro Ventura

Enviado especial • LISBOA

Em cima da bilheteria, uma placa de madeira cita a frase de Cacilda Becker: “Por favor, não nos peçam a única coisa que temos para vender.” E o que A Barraca tem para vender dá acesso a alguns dos melhores espetáculos da língua portuguesa. Mas os brasileiros não terão que pedir: nos próximos dias poderão assistir, com entrada franca, à mítica companhia lisboeta dirigida pela atriz Maria do Céu Guerra, que, ao lado de Eunice Muñoz, forma a linha de frente da interpretação de seu país. “Agosto — Contos da emigração” faz parte do Festival de Teatro da Língua Portuguesa (Festlip), que começa na quinta-feira e segue até dia 25.

Por trás da fachada *art déco* de um antigo cinema de 1939, no Largo de Santos, em Lisboa, onde fica a sede de A Barraca, estão 34 anos de história teatral. Uma história sustentada em alguns pilares: diversão, comunicação, itinerância e combatividade.

— Queremos fazer um teatro que seja popular sem ser populista, e culto sem ser elitista — diz Hélder Costa, de 70 anos, diretor junto com Maria do Céu, sua ex-mulher.

Os integrantes da Barraca explicam as palavras que são a base da companhia.

— Não sabemos fazer as coisas sem humor, porque a única forma de combater o fascismo era a ironia — conta ele, referindo-se aos 48 anos de ditadura salazarista em Portugal.

— Teatro é para todos — emenda a atriz Susana Cacela, de 45 anos. — Há grupos que fazem peças que às vezes só eles entendem. E, às vezes, nem mesmo eles entendem.

Maria do Céu assume a palavra para justificar os constantes deslocamentos da companhia:

— Quando começamos, a itinerância era essencial. Portugal era um país altamente centralizado. Mesmo as maiores cidades não tinham oferta de qualidade. Culturalmente o país era um deserto. Quisemos diminuir as distâncias culturais.

A vontade de fazer pensar atrai o ator Pedro Borges, de 35 anos:

— Agrade-me não ser só o teatro pelo teatro. Pretendemos ser úteis para a sociedade. Não é uma experiência da forma sem conteúdo, de peças sobre o nada.

O espírito combativo vem da origem. A Barraca surgiu após a Revolução dos Cravos, que pôs fim à ditadura, e procurou fazer uma releitura dos anos de chumbo.

— Queríamos dar uma lavagem na nossa história, torná-la mais

limpa, mais verdadeira — lembra Maria do Céu, que vai ser homenageada no Festlip, na quarta-feira, numa cerimônia para convidados.

A preocupação social permanece.

— Nosso teatro é virado para o outro, não para si próprio — diz ela. — Não é o estar na moda que nos mobiliza, mas, sim, como um determinado tema se insere no cotidiano das pessoas e do nosso tempo. Vivemos uma época em que as pessoas são máquinas em movimento, olham e não veem. E só dão atenção ao outro quando ele se parece com você. A Barraca significa pararmos esse movimento, essa corrida. E olharmos, escutarmos. É fazer um tempo novo, que se instala a partir do abrir da sala. Esse grande salto em direção ao outro é uma espécie de iluminação.

“

Vivemos uma época em que as pessoas são máquinas em movimento. A Barraca significa parar essa corrida. É fazer um tempo novo

Maria do Céu Guerra



MARIA DO CÉU Guerra e Hélder Costa, diretores da companhia que surgiu após o fim da ditadura e faz 35 anos em 2011

O grupo ocupou o Cinearte em 1988, após ser despejado de sua sede, um barracão abandonado que tinha sido reformado por eles e pedido de volta pelo proprietário, um banco.

— Na época, tivemos cortes de financiamento do governo, feitos sem explicação. Ficamos sem sede e sem verbas — lembra Costa, um dos principais diretores e autores de Portugal, que fez o pai da personagem Aurélia no filme “Simplesmente amor”.

Em busca de um local, ele encontrou um antigo cinema em ruínas e conseguiu com que fosse considerado Patrimônio Histórico. A Câmara Municipal comprou o prédio de quatro andares e alugou para o grupo, que o reformou por conta própria.

— Só há dois anos conseguimos convencer a Câmara de que precisamos de mais obras — diz Costa.

A mais urgente é o isolamento sonoro das duas salas do teatro, cada uma com cerca de 160 lugares, para evitar o vazamento de som. Uma delas fica no antigo balcão do cinema, que foi dividido. Estão sendo construídos novos camarins em cima, que ficam prontos em setembro. Nos de baixo, é forte o cheiro de umidade.

— Estamos ao lado do Cais do Sodré, bem perto do rio, abaixo do nível do mar. Quando chove muito, às vezes fica com água no chão — diz o ator Sérgio Moras, de 34 anos.

Em 2011, A Barraca completa 35 anos. Durante esse tempo, alguns brasileiros colaboraram com o grupo, como o arquiteto Manoel Ribeiro, que fez a cenografia de “Ser e não ser”, espetáculo de seis horas concebido e encenado por Maria do Céu, e o diretor Augusto Boal, de quem montaram “Barraca conta Tiradentes”, “Ao qu’isto chegou” e “Zé do Telhado”.

— A Barraca é muito mais pobre antes que depois de Boal. Ele ajudou a fortalecer nossos objetivos e a torná-los mais luminosos — agradece ela.

Continua na página 2